



José Eduardo Franco e Pedro Calafate (dir.) (2013-2015). *Obra Completa Padre António Vieira*. Circulo de Leitores. [Lisboa]. 30 vols.

GABRIEL MAGALHÃES¹

**As Maldades e as bondades do
Padre António Vieira**

Quero começar por agradecer às duas pessoas que se lembraram de me convidar para esta sessão de lançamento da obra completa de Vieira: o Professor José Rosa e o Magnífico Reitor da UBI, Professor António Fidalgo. Muito obrigado. Cumprimento também os meus distintos colegas de mesa, e o público, que é sempre o colega da alma de nós todos.

Fazer cultura no nosso país é como construir um castelo — sabendo de antemão que seremos cercados por um exército de esquecimentos.

Por isso, queria dar os parabéns aos directores desta edição, os Professores José Eduardo Franco e Pedro Calafate, e também ao Círculo de Leitores, cumprimentando-os por este belo lanço de muralha que acrescentaram à fortaleza da bibliografia nacional. Cumprimento ainda os organizadores desta sessão — que, muito meritoriamente, não se esqueceram de assinalar o facto.

Aceitei este convite, não porque seja um especialista em Vieira, mas porque acredito nos clássicos. Até há uns anos, um escritor clássico era alguém muito conhecido, mas conhecido desconhecidamente. As pessoas sabiam-lhe o

¹ Universidade da Beira Interior. Texto redigido por ocasião da sessão de lançamento da *Obra Completa do Padre António Vieira*, realizada no dia 25 de setembro de 2014, na Universidade da Beira Interior.

nome, lembravam-lhe um verso ou outro, uma frase solta dos tempos da escola secundária, mas na realidade não lhe frequentavam a obra. No fundo, os cidadãos eram como as pombas: pousavam nas estátuas dos grandes escritores, sem lhes lerem os livros.

Mas algo mudou nos últimos anos: hoje, os clássicos começam a ser desconhecidos que desconhecemos desconhecidamente. Isto é: enormes amnésias. Cada vez mais Fernão Lopes, Sá de Miranda, Camões ou o próprio Vieira se tornam crateras no saber frágil dos nossos compatriotas, sobretudo no caso dos mais jovens. Já nem sequer nomes, nem mesmo o eco de um nome — apenas desmemória.

Quando deparamos com um erro na cultura que nos abraça, mais do que apontá-lo nos outros, devemos corrigi-lo em nós. Foi por isso que, nos últimos anos, me dediquei a ler ou reler a fundo os nossos clássicos. Ora, quando o Professor José Rosa teve a bondade de me sugerir que eu aqui estivesse, navegava eu pelo vasto oceano dos sermões de Vieira, numa jornada de surpresas. A amizade do convite coincide, pois, com a rota das minhas leituras — e, por isso, aceitei.

Esta reflexão vai dividir-se em duas partes: numa primeira, direi mal, muito mal, do grande orador jesuíta; numa segunda, direi bem, muito bem do nosso homem. Aquilo que Vieira fez com os peixes, fossem eles voadores ou pegadores, no célebre «Sermão de Santo António»,

pregado em São Luís do Maranhão (t. II, vol. X: 137-165), farei eu com o próprio Vieira.

Vamos lá, então, dizer mal, muito mal do Padre António Vieira. Na verdade, tratou-se de uma pessoa fascinante, mas incómoda, profundamente incómoda — e essa incomodidade chega, como uma efervescência que não tem fim, até ao seu leitor de hoje. Vieira importunou no seu tempo por uma série de motivos: porque defendia os índios, porque propunha o regresso das fortunas judias a Portugal — porque, num dia de 1650, pregando um sermão na Capela Real (t. II, vol. I: 149-169), anunciou aos governantes da corte que seriam todos sem excepção precipitados no inferno.

Hoje, Vieira incomoda por outros motivos: o seu tempo foi um tempo contra o qual o nosso tempo vai. Ao leitor atual, sonambulamente ateu ou agnóstico, molesta o lugar central que a *Bíblia* ocupa na sua obra — ela é, para Vieira, uma enciclopédia universal, a *internet* que vale a pena consultar. Uma *internet* da eternidade. E isto tanto mais nos estranha, quanto ele manifesta um particular interesse pelo Antigo Testamento. Encontramo-nos, pois, perante um homem de fé. E essa fé em certos momentos faz curto-circuito com a nossa maneira de pensar contemporânea.

Ouçamo-lo conversando com os escravos negros, cujas vidas duríssimas ele próprio descreve, e estejamos atentos às suas palavras de 1633:

Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus, e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativoiro, e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre! Dizei-me: vossos pais que nasceram nas trevas da Gentilidade, e nela vivem, e acabam a vida sem lume da Fé, nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos como já credes, e confessais, vão ao inferno, e lá estão ardendo, e arderão por toda a eternidade. E que peccando todos eles, e sendo sepultados no Inferno como Coré, vós que sois seus filhos vos salveis, e vades ao Céu! Vede se é grande milagre da Providência e Misericórdia Divina [...]. (t. II, vol. VIII: 410-411)

Uma pessoa lê isto com olhos de hoje — e arrepiam-se as nossas pupilas. Cada tempo comete os seus crimes, e Vieira cometeu alguns dos pecados do século dele — tal como nós, se não formos cuidadosos, nos tornaremos cúmplices convenientes dos delitos que também mancham, e de que maneira, a nossa época. Ele, que foi tão sensível à sina dos humilhados e ofendidos de todas as cores do nosso império, não resiste aqui a uma cambalhota dialéctica que disfarça de Providência Divina aquilo que, antes de mais nada, se deve considerar pura e simples crueldade humana².

==

² Para aprofundar este tema da relação de Vieira com os escravos negros, pode ler-se o texto de António Saraiva, J. (1992). O Padre António Vieira e a questão da escravatura dos negros no século XVII. Em: *História e Utopia: Estudos*

Precisamente outra coisa que, na sua obra, nos incomoda é a forma como o grande orador pratica a sublime batota do barroco — algo que, de resto, já foi apontado por alguns dos seus maiores exegetas como Aníbal Pinto de Castro³, Hernâni Cidade⁴ e José van den Besselaar⁵. Vejamos como isto acontece no «Sermão de São Pedro», de 1644 (t. II, vol. XI: 245-270). A pregação trata do glorioso pescador, e o genial jesuíta procura um termo de comparação, uma metáfora. Vieira lá acaba por encontrar — e passo a citar:

[...] a mais própria, a mais alta, a mais elegante, e a mais nova metáfora, que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quase tenho medo de o dizer. Não é cousa alguma criada, senão o mesmo Autor, e Criador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metáfora, como eu cuidava, ou se há, ou pode haver alguma metáfora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei-de pregar, e esta a nova, e altíssima metáfora, que hei-de prosseguir. (t. II, vol. XI: 248)

E, de facto, Vieira prossegue sem se atrapalhar: cambalhota atrás de cambalhota, prova,

==

sobre Vieira. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Lisboa. pp. 53-72.

³ Cf. Castro, A.P. (2008), *O Essencial sobre o Padre António Vieira*. INCM. Lisboa. p. 24.

⁴ Cf. Cidade, C. (1997). Prefácio. EM: Vieira, A., *Obras Esco- lidas: Sermões* (III). Sá da Costa. Lisboa. Vol. XII. pp. X-XII.

⁵ Cf. Besselaar, J. (1981). *António Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Lisboa. p. 71.

perante o nosso espanto, aquilo que ele próprio chama «a divindade de S. Pedro» (t. II, vol. XI: 251 e *passim*). O apóstolo aparece, pois, ao mesmo nível do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deteve-se aqui a aventura do nosso Padre? Nem pensar. A cabriola tinha de ir mais longe. Ora ouçamo-lo: «Em Deus, e na Santíssima Trindade não pode haver quarta Pessoa, e S. Pedro foi a quarta Pessoa da Santíssima Trindade. Vede como, e não tenhais medo de alguma heresia.» (t. II, vol. XI: 262).

E como é, então, possível esta barbaridade teológica? Muito simples: assim como o Pai gerou o Filho, Pedro é filho do Espírito Santo. De qualquer modo, os teólogos não devem assustar-se, avisa Vieira: o primeiro Papa só faz parte da Santíssima Trindade por semelhança — e não na realidade (t. II, vol. XI: 263). Deste modo, a Trindade pode ser um quarteto, sem deixar de se manter como um trio divino. Diz Einstein, a frase é célebre e constitui um lugar-comum, que Deus não joga aos dados — mas a verdade é que Vieira jogou aos dados com as figuras divinas. Talvez, tratando disto, estejamos todos a usar o nome de Deus em vão: que Ele nos perdoe.

Se a Fé de Vieira e a sua ousadia louca nos podem incomodar — onde ele se torna quase insuportável é quando se arroga em intérprete da Providência. Este jesuíta genial funcionou, para o seu século, como um comentador televisivo, cujo papel era explicar as dobras da realidade e anunciar os horizontes

futuros. Naquele tempo, certos púlpitos eram programas de máxima audiência. Vieira foi — e quis ser — um profeta. Os israelitas tiveram Elias, Eliseu, Isaías; nós tivemos como sucedâneos o sapateiro Bandarra, o Padre António Vieira, sobretudo ele, e essa nota de rodapé em forma de neblina que foi Fernando Pessoa.

E chega de dizer mal, muito mal, do Padre António Vieira — porque o meu atrevimento começa a ser maior até do que o deste grande atrevido do nosso passado. Começemos, pois, a dizer bem, muito bem do nosso autor, conscientes de que quase não têm fim as bondades que vamos referir.

Em primeiro lugar, gostava de sublinhar um aspeto, evidente nos seus textos, mas pouco referido na bibliografia crítica a eles consagrada. Refiro-me à qualidade do seu pensamento. E não estou a pensar tanto nas espirais teóricas do Quinto Império — mas sim naqueles sermões do grande jesuíta que são belíssimos ensaios ditos em voz alta.

Darei alguns exemplos. Primeiro: o «Sermão da Primeira Oitava da Páscoa», de 1656 (t. II, vol. V: 113-140), dedicado ao problema da riqueza. Este texto, motivado por um fracasso na prospeção de metais preciosos em território brasileiro, apresenta um conjunto de ideias de notável profundidade histórica. O orador jesuíta, ao contrário dos seus ouvintes, alegra-se com o fracasso das pesquisas mi-

neiras realizadas. Para Vieira, os ciclos de enriquecimento súbito são seguidos por imperialismos opressores: quem pactua com o ouro internacional acaba por ser devorado por ele. Porque, afinal, o dinheiro que desembarca num país funciona também como um aspirador da riqueza que tínhamos antes da sua chegada. Como diz o genial pregador, «as Magnetes atraem o ferro, e os Magnates o ouro» (t. II, vol. v: 132).

De aí que a prata descoberta no Potosí tenha afinal empobrecido a Espanha. Ouçamos Vieira:

E para que comecemos pelos exemplos mais vizinhos, que utilidades se têm seguido à Espanha do seu famoso Potossí, e das outras minas desta mesma América? A mesma Espanha confessa, e chora, que lhe não têm servido mais, que de a despovoar, e empobrecer. Eles cavam, e navegam a prata, e os Estrangeiros a logram. Para os outros é a substância dos preciosos metais, e para eles a escória. (t. II, vol. V: 128).

Vieira esboça aqui, muito antes de isto ser definido pelas ciências económicas, o conceito de economia de transporte. Ao mesmo tempo, dir-se-ia que estamos já a escutar, com séculos de antecendência, as análises que Herculano e Antero farão da nossa aventura imperial.

São muitos os lugares da obra vieiriana em que se nos depara um pensador de excepção. Deixem-me referir apenas o «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma», pregado na

igreja maior da cidade de S. Luís no Maranhão, no ano de 1654 (t. II, vol. IV: 148-166). Estamos, neste caso, perante uma maravilhosa análise quase fenomenológica da mentira, muito antes de haver fenomenologia. Deixo este texto à disposição da eventual curiosidade do público.

Mas tanto como um dizer do pensamento, a oratória de Vieira é uma exclamação de emoções. Poucos escritores nossos se comoveram tanto e tão intensamente ao refletirem. Vieira arde sempre nas suas palavras que meditam. E o veio da emoção é, na sua obra, tão forte, que nos vemos obrigados a, pelo menos, catalogar três tipos de pulsações emotivas nos seus textos. Em primeiro lugar, naquilo que profere palpita o coração da Fé. Já falámos nisto antes. Aqui importa sublinhar sobretudo o modo como a religião, no pregador jesuíta, não é apenas doutrina, mas víscera viva.

É, por exemplo, com profundo sentimento que compara a graça divina com a graça que os reis, os poderosos por vezes nos concedem. Diz o nosso António:

A graça dos Reis por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esfera de vassalo; a graça de Deus sobe o homem à familiaridade de amigo, à dignidade de filho, e à semelhança de Si mesmo. A graça dos Reis não vos dá parte da coroa; a graça de Deus é participação de Sua divindade. [...] A graça dos Reis nem é para perto, nem para longe, porque de perto enfastiais: de

longe esqueceis; a graça de Deus nunca tem longes [...]. (t. II, vol. VII: 278-279)

Mas o coração de Vieira não palpitou apenas por motivos de Fé — também o fez, e muito, por Portugal. Essa entranha nacionalista manifesta-se nos sermões, na correspondência, mas também nos textos de pendor profético — que tanto interessaram um crítico como Miguel Real⁶. Vieira foi uma alma oferecida em holocausto à nação, ao ponto de por isso se ver quase sacrificado nos altares espúrios da Inquisição. No entanto, mesmo após ter sido perseguido pelos juízes do Tribunal do Santo Ofício, Vieira, refugiado em Roma, dirá uma das mais espantosas frases pronunciadas por portugueses lábios. Ela surge numa missiva a Duarte Ribeiro de Macedo, datada de 13 de Setembro de 1672: «Não quero ter mais pátria do que o mundo, e não acabo de acabar comigo não ser português» (t. I, vol. III: 238).

Mas tanto, ou talvez mais, do que estas emoções espirituais ou patrióticas, interpela-nos um outro sentimento que, na obra do Padre António Vieira, nos surge na forma de uma verdadeira comoção. Referimo-nos ao respeito pelo outro, por esse dramaticamente outro, que era o índio, que era o negro. Ao que parece, o próprio pregador tinha inscrita no seu corpo essa alteridade, em modo de sangue colorido

por acasos imperiais⁷. Seja como for, a maneira como denuncia o genocídio das populações indígenas da América em carta ao rei Afonso VI (t. I, vol. II: 222-229), apontando um número, dois milhões de mortos (t. I, vol. II: 226), configura um ato cívico exemplar. Ele, que tentara convencer, como vimos, os negros do sentido providencial do seu cativo, emociona-se e quase chora com a sua sorte. Verbera os senhores pelos maus tratos de que fazem vítimas os seus trabalhadores de cor.

Ouçamo-lo, num dos seus passos mais comovedores:

Os Senhores poucos, os Escravos muitos; os Senhores rompendo galas, os Escravos despidos, e nus; os Senhores banquetecendo, os Escravos perecendo à fome; os Senhores nadando em ouro, e prata, os Escravos carregados de ferros; os Senhores tratando-os como brutos, os Escravos adorando-os, e temendo-os, como Deuses; os Senhores em pé apontando para o açoite, como Estátuas da soberba, e da tirania, os Escravos prostrados com as mãos atadas atrás como Imagens vilíssimas da servidão, e Espectáculos da extrema miséria. [...] Estes homens não são filhos do mesmo Adão, e da mesma Eva? Estas Almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem, e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo Céu? Não os aquece o

⁶ Cf. Real, M. (2008), *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*. Quidnovi. Matosinhos/Lisboa.

⁷ Cf. Cidade, H. (1972). *Portugal Histórico-Cultural*. Arcádia. Lisboa. p. 184.

mesmo Sol? Que estrela é logo aquela, que
os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?
(t. II, vol. IX: 341)

Vieira, senhor de um pensamento excelso, atravessado de todo o tipo de emoções, mas acima de tudo «Imperador da língua portuguesa». Com efeito, assim o sagrou Pessoa, na sua *Mensagem*, obra de várias sagrações, não sendo esta de Vieira uma das menores⁸, Imperador da língua portuguesa. E, de facto, assim é: estamos perante o maior prosador da nossa pátria. Não hesito em dizê-lo: vai mais além da dureza sincera de Fernão Lopes, das espirais asiáticas de Fernão Mendes Pinto, do impressionismo estilístico de Eça de Queirós. Vieira é palavra e arquitetura em templo; é palavra e cantata de Bach; é palavra e pintura de pensamento. O prodígio acontece na sua obra, seja em forma de excerto, seja em diversos textos de exceção, que são a maravilha de si mesmos do princípio ao fim.

Destacámos o pensamento de Vieira, e as suas emoções, bem como a maravilha da sua escrita, que motivou estudos fundamentais de António José Saraiva⁹ e Margarida Vieira Mendes¹⁰, bem como um filme extraordinário¹¹.

==

⁸ Cf. Pessoa, F. (1979). *Mensagem*. (13.ª ed.). Ática. Lisboa. p. 92.

⁹ Cf. Saraiva, A.J. (1996). *O discurso engenhoso: ensaios sobre Vieira*. Gradiva. Lisboa.

¹⁰ Cf. Mendes, M.V. (1989). *A oratória barroca de Vieira*. Caminho. Lisboa.

¹¹ É o caso de *Palavra e Utopia*, de Manoel de Oliveira, uma longa-metragem do ano 2000: na nossa opinião, um dos melhores trabalhos do realizador.

Gostaríamos de voltar à ideia do atrevido — quase do traquinas. Num país de covardias estratégicas, ele acaba por ser um dos maiores exemplos de liberdade. Mesmo na época em que viveu, a da monarquia absoluta, Vieira assumiu as suas ideias com uma coragem impen-sável. Dois momentos dessa coragem devem ser sublinhados: um, muitíssimo conhecido, dá-se quando, desde o púlpito, Vieira ameaça Deus. É um passo célebre, presente no «Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as da Holanda» (t. II, vol. XIII: 73-95). O contexto é o seguinte: a Baía está cercada pelos holandeses — e os nossos sentem-se abandonados pelo Pai do Céu.

Vieira, então, increpa Deus:

Mas pois Vós, Senhor, o quereis, e ordenais assim, fazei o que fores servido. Entregai aos Holandeses o Brasil, entregai-lhes as Índias, entregai-lhes as Espanhas (que não são menos perigosas as consequências do Brasil perdido), entregai-lhes quanto temos, e possuímos (como já lhes entregastes tanta parte), ponde em suas mãos o Mundo; e a nós, aos Portugueses, e Espanhóis, deixai-nos, repudiái-nos, desfazei-nos, acabai-nos. Mas só digo, e lembro a Vossa Majestade, Senhor, que estes mesmos, que agora desfavoreceis, e lançais de Vós, pode ser que os queirais algum dia, e que os não tenhais. (t. II, vol. XIII: 84)

Palavras atrevidas de Vieira: Deus vê-se ameaçado por um jesuíta. Mas, para além deste aviso às navegações divinas, há outro passo que

deve ser destacado como exercício radical de liberdade. É mais grave verberar Deus do que os poderosos deste mundo; mas é mais perigoso, muito mais perigoso, ir contra a fria crueldade do poder — do que contra o amor divino. Por isso, julgo mais arriscado, mais valente, mais cavaleiresco o modo como se atira a toda a corte no «Sermão da Primeira Dominga do Advento» pregado na Capela Real, em 1650 (t. II, vol. I: 149-169).

É nele que manda todos os governantes para o Inferno e fá-lo com uma lógica inapelável:

Todo o homem, que é causa gravemente culpável de algum dano grave, se o não restitui, quando pode, não se pode salvar; todos, ou quase todos os que governam são causas gravemente culpáveis de graves danos, e nenhum, ou quase nenhum restitui o que pode; logo nenhum, ou quase nenhum dos que governam se pode salvar. [...] Eu vi governar muitos, e vi morrer muitos; nenhum vi governar, que não fosse causa culpável de muitos danos, nenhum vi morrer, que restituísse o que podia: sou obrigado, *secundum praesentem justitiam*, a crer que todos estão no Inferno. Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos. (t. II, vol. I: 168-169)

Vieira nasceu e cresceu num país quase sem futuro: uma nação que era como Jonas no ventre da baleia do império hispânico. Jonas foi vomitado para a ocidental praia lusitana em 1640, mas futuro continuava a não haver — apenas uma fenda de luz num horizonte negro. No

fundo, foi um tempo quase como o nosso. O futuro, em Portugal, costuma ser um grande problema. Ora, Vieira com a sua obra, na qual se inclui uma *História do Futuro*, criou, palavra a palavra, um porvir imenso para uma nação desnordeada. Foi o nosso grande inventor de futuros — por vezes exagerados. Porque as visões de Vieira são inversamente proporcionais às possibilidades do país. Nisto há um amor quase sem fim que nos deve comover.

É preciso ler Vieira — e vou concluir. Navegar-lhe os oceanos de palavras, que são muitos. É preciso viver à sombra da árvore da vida dos seus discursos. É belo o «Sermão de Santo António aos Peixes» (t. II, vol. X: 137-165), mas não menos bela outra notabilíssima peça oratória ao santo de Lisboa e Pádua, feita na alfacinha Igreja das Chagas, em 1642 (t. II, vol. X: 97-118). O «Sermão da Sexagésima» (t. II, vol. II: 43-73) constitui uma sublime arte poética da oratória de Vieira — mas fala mais com o nosso tempo o escandaloso «Sermão da Primeira Dominga do Advento», que pregou na Capela Real em 1650 (t. II, vol. I: 149-169). Temos de navegar e navegar Vieira. É preciso estar no futuro — mas sem deixar de estar no passado. Vieira é das maiores coisas do nosso passado: os meus parabéns, de novo, aos directores editoriais desta *Obra Completa* vieiriana e aos organizadores e participantes desta sessão. Peço desculpa por ter sido um pouco teatral nesta palestra, mas num dia em que se celebra o teatro da palavra de Vieira, era assim que tinha de ser. Muito obrigado.